



O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.

A V.ª REUNIÃO AMPLIADA DO COMITÉ CENTRAL NOVA VITÓRIA DO PARTIDO E DO POVO

Como já foi salientado no «Avante!» n.º 186, a realização da V.ª Reunião Ampliada do Comité Central representa mais uma importante vitória do Partido, da classe operária e das restantes forças democráticas e progressivas na sua luta consequente e inquebrantável contra o regime fascista e contra a política anti-nacional de fome, guerra e terrorismo do governo de Salazar. Mais uma vez a acção do Partido conseguiu vencer todo o monstruoso aparelho repressivo do fascismo e realizar vitoriosamente outra reunião ampliada do seu Comité Central.

Com a presença de membros efectivos do Comité Central e de suplentes e a participação de outros militantes destacados do Partido, a V.ª Reunião Ampliada realizou-se numa sala ornamentada com as insígnias do Partido cercadas pela bandeira do Partido e pela bandeira nacional, fotografias de Marx-Engels-Lénine-Stáline e os retratos dos nossos dois grandes dirigentes nacionais: o saudoso camarada Bento Gonçalves e o camarada Álvaro Cunhal, a ferros do fascismo. Numa sala contigua à sala das sessões, também ornamentada com os retratos dos dirigentes mais conhecidos dos partidos comunistas e operários irmãos de outros países, encontrava-se uma exposição da imprensa do Partido e das forças democráticas e progressivas portuguesas, assim como numerosas publicações dos partidos comunistas irmãos de outros países.

A V.ª Reunião Ampliada iniciou os seus trabalhos com uma intervenção de abertura do camarada Ramiro que salientou que a V.ª Reunião Ampliada ia correr «sob o signo da Unidade, do reforçamento e alargamento da Unidade de acção, factor decisivo da vitória». Quando o camarada Ramiro evocou a memória dos heróis e mártires do Partido que sacrificaram as suas vidas à causa do proletariado, todos os camaradas presentes se argueram e, de punho cerrado, guardaram um minuto de silêncio em sua memória.

Pela Unidade de acção!

Em seguida à intervenção de abertura do camarada Ramiro foi dada a palavra ao camarada Gomes que apresentou a intervenção do Secretariado do Comité Central, cujo resumo veio publicado no «Avante!» n.º 186. Fez o balanço da acção desenvolvida pelo Partido desde a reunião do Comité Central de Março de 1953 e estudou o problema da Unidade das forças democráticas e patrióticas com o povo. O camarada Gomes salientou a necessidade de «chamar à Unidade todos os democratas», salientando que estes se encontram hoje numa encruzilhada onde existem apenas dois caminhos: «ou o caminho da luta contra o fascismo e o imperialismo, pela defesa da Paz, da Independência e Soberania Nacionais e das liberdades democráticas; — ou o caminho dos compromissos com o fascismo e o imperialismo, que conduzem à abdicção da luta e à aceitação da tutela estrangeira e à colaboração com a política fascista de guerra, de exploração, de miséria e de ruína do povo português». Em seguida, o camarada Gomes definiu a Plataforma de Unidade proposta pelo Partido como factor decisivo para a unificação das forças

democráticas portuguesas: «Defesa da Soberania e Independência da Nação; Salvaguarda da vida pacífica do povo português e combate a tudo o que possa arrastar o País para um conflito internacional; Luta unida e organizada de todos os democratas honrados contra o regime fascista».

Ainda dentro dos problemas de Unidade, o camarada Gomes salientou que, para além dos 3 pontos da Plataforma de Unidade, continuam de pé todas as resoluções da IV.ª Reunião Ampliada sobre a Unidade de Acção e ligação do Partido com as massas. Acentuou a necessidade de fortalecer a Unidade da classe operária e a sua aliança com os camponeses, salientando que existem todas as condições objectivas para o desenvolvimento das lutas do nosso povo e que o Partido deve preparar-se para as orientar e dirigir. Os acontecimentos destes últimos 2 meses mostram a justeza desta orientação. As greves e manifestações da classe têxtil do Norte, a intensificação da luta nos Sindicatos Nacionais, as lutas políticas dos camponeses alentejanos de Pias e Vale de Vargo, as lutas dos camponeses de outras regiões por boas jornas, as lutas reivindicativas em Lisboa e arredores, os acontecimentos ocorridos no 1.º de Maio em vários pontos do País, nomeadamente em Lisboa e na Covilhã, provam-nos como as massas aceitam a orientação do Partido e como a Unidade de Acção se alargou e se fortaleceu.

Salientando mais uma vez a justeza da linha do Partido sobre a auto-determinação dos povos coloniais, foi assinalada a importância da Unidade de Acção dos povos das colónias e a necessidade de unirmos a sua luta à nossa luta para a defesa da Paz, para o derubamento do fascismo e contra os imperialistas.

O camarada Gomes terminou a sua intervenção salientando que «sem unidade da classe operária nem sequer se pode falar em Unidade Nacional», que «a unidade da classe operária forja-se na luta» e que «estemos confiantes na linha do Partido. Temos a certeza da vitória e saberemos ter confiança nas massas!».

A V.ª Reunião Ampliada aprovou a Plataforma de Unidade apresentada pelo Secretariado, assim como a intervenção apresentada pelo camarada Gomes.

O Programa do Partido

O segundo ponto da ordem de trabalhos da V.ª Reunião Ampliada consistiu na apresentação, pelo Secretariado do Comité Central, do Projecto de Programa do Partido Comunista Português, de que foi relator o camarada Ramiro. Todos os camaradas presentes salientaram a importância decisiva que a elaboração do Programa tinha para o Partido e para o povo português. «Que o Programa é um passo muito importante para o Partido no seu desenvolvimento, que a discussão à sua volta irá elevar o nível ideológico e político do Partido», «Que muitos democratas queriam saber qual o Programa do Partido e que o seu aparecimento vem preencher uma lacuna do nosso trabalho».

Efectivamente, definindo o caminho que assegurará uma vida pacífica ao povo português, a recuperação da Independência e da Soberania nacionais e assegurará a marcha para o regime democrático popu-

lar, o Programa do Partido corresponde aos anseios da classe operária, dos camponeses, dos sectores democráticos e de todo o povo português. O Programa será mais um elo poderoso da ligação do Partido com as massas, fortalece o seu prestígio e a sua posição política e dá uma poderosa contribuição ao fortalecimento da Unidade Nacional.

Após larga discussão, em que todos os camaradas presentes, compenetrados das suas responsabilidades perante o Partido e o povo português, se esforçaram por dar a maior colaboração possível à elaboração definitiva do Projecto de Programa, ficou incumbida uma Comissão de apresentar o Projecto de Programa à discussão em todo o Partido, o que se deve realizar muito em breve. A V.^a Reunião Ampliada frizou que o Projecto de Programa se destina não só aos membros do Partido, mas também a todos os portugueses e portuguesas, seja qual for a sua crença ou ideologia. A V.^a Reunião Ampliada, frisando a necessidade da rápida publicação e larga difusão do Projecto de Programa, recomendou a todo o Partido o maior esforço para o tornar um documento conhecido das massas e apoiado por elas.

Estudar e assimilar os materiais da V.^a Reunião Ampliada

Além da Plataforma de Unidade e do Projecto de Programa, a V.^a Reunião Ampliada elaborou e aprovou resoluções já publicadas no « Militante » n.º 76. Elas são um guia para a acção. Os militantes do Partido devem obrigatoriamente estudar e discutir nos seus organismos todos os materiais saídos da V.^a Reunião Ampliada e trabalhar esforçadamente para levar à

prática as suas resoluções.

O encerramento da Reunião

Ao encerrar os trabalhos da V.^a Reunião Ampliada do Comité Central, o camarada Gomes salientou a estreita Unidade que une todos os militantes do Partido, ali amplamente comprovada, e que o facto de a V.^a Reunião Ampliada aprovar a Plataforma de Unidade e o Projecto de Programa do Partido lhe dá uma importância histórica, salientando também que a discussão travada em volta dos problemas nacionais nos « prova que o Partido é a encarnação do espírito verdadeiramente patriótico » e que a apresentação do Projecto de Programa mostra ao povo português « o caminho para vencer a miséria e o obscurantismo, para derrubar o fascismo e alcançar a luminosa via do Socialismo ».

O camarada Gomes salientou que o nosso Partido « baseia a sua política nos princípios do marxismo-leninismo-stalinismo, na fidelidade aos interesses do povo português e do internacionalismo proletário » e que a V.^a Reunião tinha evidenciado mais uma vez « o entranhado amor de todo o Partido e do povo português à União Soviética ». O camarada Gomes também salientou como o Partido sabe fazer uso da crítica e de auto-crítica, « o que lhe permite encontrar a maneira de rectificar os erros, consolidar as vitórias obtidas e alcançar novos sucessos », terminando por afirmar que « o nosso Partido prosseguirá indefectivelmente na luta em defesa dos interesses das vastas camadas populares e seberá conduzir o povo português até à vitória ».

Em seguida, todos os camaradas, de pé, e de punho cerrado, guardaram um minuto de silêncio em homenagem à memória do grande chefe e mestre do proletariado mundial, camarada Stáline.

REFORÇANDO A VIGILÂNCIA REVOLUCIONÁRIA DEFENDEMOS O PARTIDO



Os êxitos alcançados pelo Partido contra a provocação e os provocadores não devem, de modo algum, conduzir a um arbrandamento da vigilância revolucionária por parte dos comunistas. Factos relativamente recentes mostram-nos, ao contrário, a necessidade de reforçar cada vez mais a vigilância revolucionária de classe para assim impedir a acção criminosas do inimigo capitalista que visa destruir o Partido do seu próprio interior, pela introdução de elementos provocadores nas suas fileiras, bem assim como às outras forças democráticas.

Quais foram esses factos?

1.º — Prisão de camaradas funcionários do Partido e outros, entregues à polícia por elementos traidores que indicaram à polícia locais de encontros, nomes de camaradas, formas de trabalho, etc.

2.º — Camaradas que têm resistido à aplicação na prática das resoluções do Partido que determinam o corte absoluto e total com conhecidos elementos provocadores e traidores.

3.º — Deixando-se influenciar pelos renegados Gilberto de Oliveira e Gabriel Pedro, um camarada dispunha-se a actuar dentro do Partido para forçar a sua Direcção a rever o caso dos citados elementos. Embora este camarada, uma vez esclarecido acerca da verdadeira fisionomia daqueles provocadores, tenha rectificado imediatamente a sua errada posição, o facto merece ser citado como experiência a ter em conta na luta contra a provocação e os provocadores.

4.º — Durante o último período eleitoral, um elemento escurraçado há muito do movimento antifascista como provocador conseguiu conquistar a confiança de democratas até ao ponto de ter sido indicado para uma Comissão Eleitoral.

5.º — Um elemento da polícia conseguiu infiltrar-se e participar numa reunião de democratas durante o último período eleitoral.

Estes factos mostram-nos, como o temos afirmado vezes sem conto, que o inimigo de classe

não desarma, lança mão de todos os processos, os mais infames, para tentar destruir o Partido Comunista e as organizações democráticas. Estes factos só foram possíveis, no fundamental, devido a um certo afrouxamento da vigilância revolucionária e ao não cumprimento das resoluções do Partido em matéria conspirativa. Seria um crime contra a classe operária e o povo arbrandar a vigilância revolucionária pelo facto de se terem alcançado alguns êxitos importantes contra a provocação.

Na medida em que se desenvolvem as lutas do nosso povo pelo pão, pela paz e pela democracia, na medida em que a situação do inimigo de classe se torna cada vez mais débil em consequência das derrotas que sofre constantemente, no campo nacional e no internacional, ele intensifica a sua acção no sentido de destruir as fileiras do Partido do proletariado e das organizações democráticas e da Paz. Esta realidade ficou mais uma vez plenamente demonstrada durante as recentes lutas da classe operária do Norte e Centro do país e dos camponeses do Alentejo.

É necessário que todos os membros e simpatizantes do Partido tenham a justa ideia de que não bastam os esforços da Direcção do Partido para descobrir os provocadores e traidores e outros inimigos do povo e desmascará-los. Só a acção comum de todos os comunistas, estreitamente ligados às massas e unidos em volta do Comité Central do Partido, pode realizar com pleno sucesso esta importante tarefa de defesa do Partido, que o mesmo é dizer: dos interesses da classe operária e da Nação.

Uma das causas que conduzem ao afrouxamento da vigilância revolucionária, ao não cumprimento das regras conspirativas e ao espírito de conciliação, é o baixo nível ideológico e político de muitos dos nossos camaradas. O reforçamento da luta ideológica e um trabalho perseverante de estudo que conduza à elevação do nível polí-

lico, teórico e ideológico dos membros do Partido, são condições indispensáveis para defender o Partido contra a provocação e conduzir a classe operária à sua emancipação. A elevação do nível político, teórico e ideológico permitir-nos-á compreender o dever sagrado de cumprir disciplinadamente as resoluções dos organismos superiores do Partido e de não violarmos a disciplina do Partido, o que, a dar-se, só pode facilitar a prisão dos camaradas e abrir o caminho à desagregação e à provocação.

Algumas das prisões aírá citadas foram consequência directa da quebra da disciplina partidária, pois as camaradas foram presos no momento em que realizavam encontros que lhes estavam vedados ou os realizavam em locais que lhes estavam proibidos por determinação do Partido.

Esses camaradas esqueceram que, como nos ensina Lênine, «o que debilita, por pouco que seja, a disciplina férrea do Partido do proletariado ajuda de facto a burguesia contra o proletariado». A ausência de disciplina ou a sua quebra significa tornar o Partido joguete de vontades pessoais, quebrar a sua unidade monolítica, tirar-lhe a sua capacidade de dirigir as lutas do nosso povo pelo pão, pela paz e pela democracia. Quem quebrar a disciplina partidária mostra, além de tudo o mais, não possuir a melhor virtude comunista: a modestia.

Tendo tudo isto presente, a Direcção do Partido salientava na última circular do Secretariado para os funcionários do Partido que «a falta de vigilância e o não cumprimento das regras conspirativas desarmam o nosso Partido e tornam-no vulnerável à provocação». E aconselhava: «a discussão em todas as reuniões do Partido da situação conspirativa e da vigilância revolucionária, tomando-se resoluções práticas que tenham em vista a defesa dos camaradas e das organizações», «mais controle de execução sobre as resoluções tomadas nesta matéria e medidas para evitar a repetição de erros e faltas conspirativas». «Rigorosa compartimentação do trabalho, para impedir o liberalismo no trabalho conspirativo e a mistura do trabalho legal com o ilegal», «discussão dos materiais dilijados pelo Partido sobre a expulsão dos traidores», «luta contra a convivência e o trato com os provoca-

dores escoteçados do Partido, para tornar impossível a existência de canais abertos entre o Partido e a provocação» e «desmascaramento junto das massas dos bufoes e agentes policiais encobertos». E apontava o exemplo da organização regional dos arredores de Lisboa que, depois de averiguar, publicou um comunicado desmascarando e convidando as massas a desprezar os bufoes da região e a isolá-los.

A crítica e a auto-crítica são poderosas armas na luta contra a provocação e pelo reforçamento da vigilância revolucionária. Como se salienta nos Estatutos do Partido Comunista da União Soviética, entre os deveres dos membros do Partido está o de «fazer conhecer as deficiências do trabalho nos organismos dirigentes do Partido até e incluindo o Comité Central, fora de qualquer consideração pessoal».

Para o reforçamento da vigilância revolucionária e da luta contra a provocação, é indispensável a aplicação de um bom controle de execução do trabalho, isto é, a verificação do cumprimento das tarefas e das resoluções tomadas. O controle de execução permite, não só dar um balanço do trabalho, como verificar até que ponto foi ou não aplicada e defendida a linha política do Partido.

Na luta contra a provocação devemos ter sempre presente que uma forte e estreita ligação com as massas é indispensável para a defesa dos quadros do Partido.

Enquanto existir capitalismo, o inimigo não cessará de enviar os seus espíes e agentes camuflados para o seio do Partido da classe operária, não cessará de tentar recrutar aí, entre os elementos mais débeis politicamente, o arsenal de que se servirá na luta contra os interesses do povo e da Pátria. Relacionado com isto, o Bureau de Informação dos Partidos Comunistas e Operários, na sua reunião de Novembro de 1952, insistiu que uma das principais tarefas dos Partidos Comunistas «é intensificar por todos os meios a vigilância revolucionária nas suas próprias fileiras...»

Ante as crescentes responsabilidades que pesam sobre o nosso Partido na condução das lutas do nosso povo pelo pão, pela paz, pela democracia e pela independência nacional, reforçemos a vigilância revolucionária em todo o Partido e ajudemos as organizações democráticas a defenderem-se da provocação.

ALARGUEMOS E REFORCEMOS A LUTA Contra a Repressão Fascista!



A repressão fez desencadeada pelo governo e autoridades fascistas contra os operários e camponeses que recorreram à greve e às manifestações massivas para defenderem os seus interesses vitais, revela bem a que extremos de ferocidade e de brutalidade os inimigos do povo são capazes de recorrer para defenderem os interesses duma minoria parasitária: dos grandes industriais e latifundiários.

Verificando que, de Norte a Sul do País, as classes trabalhadoras, cansadas de tanto sofrer, se levantam cada vez mais impetuosamente contra a sua política de fome e de guerra, o governo de Salazar, o patronato e os grandes agrários procuram dominá-las com o terrorismo fascista.

As prisões em massa de operários e camponeses e as torturas policiais; o encerramento das fábricas e a sua ocupação militar; as metralhadoras postadas nas esquinas, junto das fábricas e nas aldeias; a intensa vigilância das patrulhas da G.N.R. nas localidades, que dão a estas o aspecto sombrio das terras ocupadas militarmente; o bloqueio militar a certas localidades, não consentindo, durante dias seguidos, a entrada e saída das pessoas; o estabelecimento do «estado de sitio», com a regulamentação das horas de recolher, a proibição da formação de grupos nas ruas, as rusgas, o encerramento dos estabelecimentos comerciais e colectividades; o tiroteio contra os trabalhadores que defendem o seu direito à vida e lutam e o assassinato covarde destes, a tudo, absolutamente a tudo, tem recorrido o fascismo para ver se consegue fazer recuar as classes trabalhadoras do País na luta unida e organizada em defesa dos seus interesses vitais. Porém, os últimos

por RAMIRO

acontecimentos evidenciam que as massas se não deixem intimidar pelo terrorismo policial-fascista, que o enfrentam heroicamente e vencem!

A forma verdadeiramente heroica como os operários e operárias das fábricas dos «Inglezes» e «Aliança», no Porto, enfrentaram a PIDE, o patronato e autoridades fascistas, não recuando perante as ameaças de todos eles, evidenciam claramente que, quando os trabalhadores se mantêm unidos e firmes, a repressão fascista, por mais brutal que seja, se sente impotente para os dominar e todos! Os esbirros da PIDE tiveram que se confessar impotentes para forçarem os operários e operárias dos «Inglezes» e da «Fábrica Aliança» a porem os seus feares em andamento!

Apesar das metralhadoras, das forças militares e das intimidações do I.N.T. e do patronato, milhares de operários industriais de Lisboa, da Covilhã, de Pêro Pinheiro e de outros pontos do País não compareceram ao trabalho no dia 1.º de Maio!

O heroísmo das valentes camponesas e camponeses de Pias, Vale de Vargo e Balleizão, que não recuaram perante as balas dos assassinos de G.N.R. e os cercarem, forçando-os a atender as suas justas reclamações, são provas evidentes da decisão e firmeza com que as massas camponesas alentejanas se lançam na luta e da sua grande combatividade. O heroísmo da camponesa de Balleizão que, grávida e com um filhinho nos braços, foi vilmente assassinada com uma rajada de metralhadora pelo tenente Carrajola, é um exemplo inesquecível da combatividade e firmeza na

luta do campesinato alentejano, o seu sacrificio e a morte do ser que ela trazia nas entranhas são um incentivo ao prosseguimento e ao desencadear de novas lutas contra o governo responsável de mais este crime.

Porém, nós, comunistas, não podemos nem devemos deixar entregue a luta do nosso povo em defesa dos seus interesses vitais As contingências da luta neste ou naquele ponto do País, ao maior ou menor heroísmo com que as massas enfrentam a feroz repressão fascista. Ao nosso Partido e a todos nós impõe-se como tarefa imediata, inadiável, a organização à escala nacional da luta contra a repressão fascista e a criação dum forte movimento de solidariedade para com os operários e camponeses que lutaram, lutam e virão a lutar em defesa do seu Pão, do direito ao trabalho e da causa da Paz. Se o não soubermos fazer, se não cumprirmos essa tarefa fundamental da hora presente, deixamos os operários e camponeses que lutaram, isolados das restantes massas do País e na difícil situação de principal alvo da repressão fascista.

Para que as lutas operárias e camponesas prossigam em escala sempre crescente, e, desta maneira, forcem o fascismo a recuar na sua política anti-nacional de fome, guerra e terror, necessário se torna que se ampliem e fortaleçam os laços de solidariedade que unem os operários e camponeses na sua luta comum, que nós sabemos levar as outras camadas da população portuguesa a apoiarem a classe operária e os camponeses nas suas lutas. É fundamental e decisivo que os operários têxteis do Norte e os camponeses alentejanos sintam, nestes dias em que sobre eles cai todo o peso da repressão fascista, que ao seu lado, lutando contra a repressão fascista e apoiando a sua luta, estão os restantes trabalhadores do País. Será o fortalecimento dessa aliança entre operários e camponeses, o estreitamento dos laços que prendem todos os trabalhadores na luta comum em defesa dos seus interesses vitais e contra o fascismo, que criará as condições para o fortalecimento da Unidade Nacional e para o desencadear de novas e maiores lutas, que culminarão com o derrubamento do fascismo e a instauração de um Governo Democrático

de Unidade Nacional. A criação de um forte movimento de solidariedade material e moral para com os operários e camponeses grevistas é de si mesmo um forte incentivo organizador de maiores e mais amplas lutas.

A criação, através de todo o País, de um forte movimento nacional de solidariedade económica e política para com os operários têxteis do Norte, para com os camponeses alentejanos vítimas da repressão e para com os presos políticos, exige que todos os organismos do Partido travem ampla discussão sobre a melhor forma de auxiliarem e apoiarem a luta dos operários e camponeses grevistas e de defenderem as vítimas da repressão fascista. Serão, naturalmente, as concentrações junto da gerência das fábricas, nos Sindicatos e Casas do Povo, junto das autoridades, a entrega de abaixo-assinados às autoridades, o envio de cartas e telefonemas exigindo que cesse a perseguição aos operários e camponeses grevistas e a recolha de fundos, géneros alimentícios, roupas, etc., para os presos, grevistas e outras vítimas da repressão que se encontram a braços com o desemprego e a fome, uma das tarefas imediatas. É preciso que por toda a parte se organizem Comissões de Assistência, na base da mais ampla unidade, e que mobilizem todas as pessoas de coração para a luta contra a repressão fascista e para o auxílio às suas vítimas. Devemos trabalhar para que as Comissões de Assistência já existentes prestem elas também a sua solidariedade económica e moral aos operários e camponeses que sofrem as consequências da repressão fascista.

É preciso que por todo o País se crie um forte movimento de protesto contra os métodos fascistas de repressão empregados na «Fábrica dos Ingleses» e nos aldeias de Pias, Vale de Vargo e Baleizão. É preciso que milhares e milhares de pessoas de todas as tendências políticas e credos religiosos, que todas as pessoas de coração protestem contra o vil assassinato da camponesa de Baleizão e exijam o castigo imediato do assassino tenente Corrajo!

É preciso que o governo de Salazar sinta cada vez mais que, contra os seus crimes se levanta, unida e firme, a vontade dos portugueses!

AS MASSAS CAMPONESAS LEVANTAM-SE PARA NOVAS E MAIS POTENTES LUTAS



As recentes lutas das massas camponesas de Pias, Vale de Vargo e Baleizão, pela projecção e significado que tiveram, oferecem ricos exemplos e ensinamentos para todo o nosso Partido e para todo o nosso povo. Através das frequentes lutas anteriores os camponeses alentejanos adquiriram uma preciosa experiência, as lutas ensinaram as massas a compreender que a unidade e a organização são as mais potentes armas ao seu dispor, que elas são a melhor garantia da vitória. Pela continuidade das suas lutas, as massas camponesas dessa região colocaram-se na vanguarda do campesinato português e adquiriram uma consciência de classe e uma combatividade que asseguraram e assegurarão o desencadear de lutas cada vez mais evoluídas politicamente.

Qualquer das lutas teve uma característica comum: surgiram espontaneamente. Elas foram um reflexo da acção educativa, da crescente influência e da estreita ligação dos militantes e organizações do Partido entre as vastas massas camponesas dessa região. A influência real do Partido mede-se pelas acções de massas que é capaz de organizar e dirigir e essa influência foi a condição fundamental que assegurou a organização e direcção da luta, na qual teve grande relevo a capacidade organizativa dos militantes do Partido, dos jovens do MUD Juvenil e das mulheres.

As massas organizaram-se para a luta, criaram Comissões de Unidade com homens, mulheres e jovens e esforçaram-se por conseguir unir e mobilizar os ranchos de fora e inclusive toda a população. Esta acertada orientação garantiu a unidade e o espírito de solidariedade das massas, que atingiram uma elevada expressão e constituíram um dos mais ricos exemplos destas lutas. Foram esta unidade e soli-

dariedade indestrutíveis que deram a necessária confiança para as massas se erguerem, a fim de libertarem os camponeses e camponesas presos em Pias e Vale de Vargo e contra o assassinato da heroica camponesa de Baleizão. Foram ainda essa unidade e solidariedade que asseguraram às camponesas de Vale de Vargo, após 8 dias de greve, e aos camponeses e camponesas de Baleizão, a conquista de aumentos de jorna de 5800 a 8800 e que obrigaram a repressão fascista a recuar e a suspender as prisões em massa que premeditava fazer.

As lutas, no seu início, particularmente em Vale de Vargo e Baleizão, limitavam-se à conquista de melhores jornas. Mas os agrários, para tentarem impor jorna de fome, recorreram à G.N.R. e esta dispôs as suas espingardas contra o povo e fez prisões, o que veio transformar o carácter das lutas. Nestas condições, as massas foram forçadas a associar à luta pelo pão a luta em defesa da Paz e da Independência Nacional, a luta contra a criminoso política da camarilha salazarista.

A forma correcta como as massas souberam transformar o carácter da luta foi um dos aspectos mais importantes e que bem revelam a maturidade política das massas. A luta adquiriu características invulgares, saiu do marco reivindicativo para um tipo superior de luta com um cunho acentuadamente político. O fascismo isolou Vale de Vargo e proibiu toda a vida associativa, inclusive os bailes de Entrudo. Mas até neste aspecto a consciência política e a

por MELO

iniciativa das massas adquiriu enorme significado. As massas ignoraram a proibição dos bailes, improvisaram-nos em todas as ruas e casas e toda a população confraternizou. Dessa forma, o espírito criador e revolucionário das massas transformou os bailes numa potente luta e original manifestação anti-fascista.

Entretanto, onde as massas patentearam de maneira insofismável a consciência da sua força foi na forma heroica como enfrentaram a G.N.R., não a recedendo, apesar dela ter cobardemente disparado as suas espingardas metralhadoras. As massas não recedaram os tiros, antes pelo contrário, correram para eles de peito aberto, seguraram as espingardas, obrigando-as a disparar para o ar e espancaram a própria G.N.R.. As populações puseram-se de pé, ocuparam completamente as ruas da vila e pela sua grande firmeza e unidade obrigaram a regressão a recuar e a G.N.R. a encerrar-se nos postos.

* * *

Em qualquer das lutas, a participação das mulheres foi decisiva, foram elas que andaram sempre à frente, que fizeram greve em Vale de Vargo, foi uma mulher que foi assassinada. As mulheres deram confiança aos seus companheiros e a sua participação massiva e organizada em Comissões de Unidade, só com mulheres, é um dos aspectos mais salientes da luta. Estes exemplos indicam-nos a urgência de unir e organizar as mulheres em Comissões de Unidade, nas Praças de Joanas e a todos os aspectos das lutas camponesas. Outra tarefa inadiável consiste em recrutar para os quadros do Partido e chamar audaciosamente a tarefas de organização e aos organismos do Partido as camponesas que se têm destacado nas lutas. É certo que a crescente participação das mulheres na luta é um reflexo dos esforços dispendidos pelo Partido nesse sentido, mas devemos reconhecer que esses esforços estão longe de corresponder às possibilidades existentes e, em particular, no terreno da organização.

Os ricos ensinamentos destas lutas camponesas põem a nu os erros conceitos de certos camaradas que descreem das possibilidades e disposições de luta das suas companheiras de trabalho e das massas em geral. Alguns camaradas, porque receiam o desenvolvimento das lutas, procuram travá-las. Outros, porque se isolam das massas, porque as substituíam, não conhecem as disposições de luta que as massas

estão revelando constantemente. Diariamente, as massas camponesas estão dando crescentes provas de combatividade e o ambiente de luta transparece em todos os lados. As lutas de Pias, Vale de Vargo e Baleizão são o início de lutas cada vez mais amplas e mais potentes que se avizinham, elas são um sinal evidente do despertar das massas camponesas na sua luta contra a criminoso política salazarista, na sua luta pelo pão, pela terra, pela paz e pela democracia. Mas, para que os nossos militantes e organizações sejam capazes de aproveitar a disposição de luta que cresce nas massas e saibam orientá-las de forma acertada, é uma condição essencial confiar na força e nas possibilidades das massas, viver as suas preocupações e conhecer as suas disposições de luta.

A força do Partido e dos seus militantes reside na sua estreita e indissolúvel ligação com as massas, no reforçamento constante dos seus vínculos com o povo, no estreitamento da aliança da classe operária e dos camponeses. E as crescentes lutas camponesas estão constituindo, não só uma enorme contribuição, para o reforçamento dessa aliança, como estão sendo ainda um importante factor na luta geral do nosso povo.

Nas lutas camponesas não participaram somente os operários agrícolas, isto é, os assalariados, participaram também na luta ou apoiaram-nos outros sectores do campesinato trabalhador. Isto mostra-nos que existem todas as condições para atrair à luta e à aliança com a classe operária todo o campesinato trabalhador. Mas, para forjar e ampliar a aliança da classe operária e dos camponeses, é essencial alargar a luta a outras regiões camponesas e unir aos camponeses assalariados outras camadas do campesinato e, em particular, os seareiros, rebedeiros, meeiros e pequenos proprietários. A diferenciação de classes em dois campos opostos acentua-se cada dia mais. O fascismo e os agrários são o inimigo comum de todo o campesinato e todo o campesinato tem interesses comuns na sua luta pelo pão, pela terra, pela paz, a democracia e a independência nacional.

O nosso Partido deve redobrar de esforços para atrair à luta contra o fascismo e os agrários não somente as massas camponesas assalariadas, mas sim todo o campesinato trabalhador. Nisto reside a condição fundamental para o reforçamento e alargamento da aliança da classe operária e dos camponeses, que é o factor decisivo da unidade nacional na luta pelo derubamento do fascismo.

A IMPORTANTE VITÓRIA OBTIDA NO TERRENO DA LUTA SINDICAL DEVE SER ALARGADA E CONSOLIDADA

por GOMES

Nas eleições sindicais deste ano, os trabalhadores elegeram direcções da sua confiança em mais duma dezena de Sindicatos, tendo enfrentado corajosamente a repressão dos governantes e do patronato fascista. As intimidações, as detenções e ameaças de prisão e de despedimento, a expulsão de operários das assembleias, os votos falsificados e outras falcatruas e burlas foram os métodos usados pelo fascismo para impedir a eleição de direcções honradas. Nestas condições, a luta por direcções honradas para os Sindicatos tomou um carácter acentuadamente político.

Esta importante vitória foi possível pela Unidade, pela organização e pelo elevado espírito de luta dos trabalhadores, o que revela a sua crescente consciencialização política e revolucionária. As vitórias obtidas pelos trabalhadores aparecerão ainda como maior importância se tivermos em conta que estas lutas mobilizaram e uniram num objectivo comum milhares de operários e operárias.

Seguindo a orientação do nosso Partido, os trabalhadores souberam dar à sua luta uma forma organizada. Foram elaboradas listas de Unidade e formadas Comissões Sindicais que procuraram manter-se ligadas às massas. Várias destas Comissões efectuaram reuniões de massas, enviaram à sua classe circulares assinadas chamando-a à luta, e algumas elaboraram cadernos reivindicativos que os operários das listas de Unidade se comprometeram a defender

no caso de serem eleitos. É de destacar a grande movimentação dos bancários de todo o Norte do país, efectuando reuniões de massas, recolhendo centenas de assinaturas de apoio à lista de Unidade e ao caderno reivindicativo. É também de destacar a acção dos metalúrgicos de Lisboa e do Porto e dos têxteis e padeiros do Porto.

Outra particularidade muito importante das lutas sindicais deste ano foi a participação activa das mulheres operárias, particularmente das têxteis de Vila do Conde e das operárias corticeiras de Lisboa.

Entretanto, não devemos esquecer que estas lutas não foram mais do que uma primeira fase da batalha no campo sindical e que temos ainda um largo caminho a percorrer, pois apenas se lutou numas poucas dezenas de Sindicatos e há mais de 300 em todo o país.

Os nossos erros no decorrer da luta sindical

Deve-se salientar que as importantes vitórias obtidas até agora nas eleições deste ano foram possíveis pela justa orientação do nosso Partido e pela actividade das suas organizações, particularmente as de

Lisboa e Porto. Estas organizações dispensaram uma atenção especial ao trabalho sindical. Tomaram resoluções sobre organização e acções de massas, prestaram-lhes o seu auxílio, exerceram o controle de execução e ligaram a luta pela eleição de direcções honradas à luta reivindicativa. Foi esta justa orientação que determinou o êxito alcançado. Mas isto não significa que a actuação do Partido esteja isenta de erros.

Houve casos em que não soubermos esclarecer e ajudar as massas a vencer as dificuldades, nem soubermos ligar a luta por direcções honradas à luta pelas reivindicações e aspirações mais sentidas dos trabalhadores, o que prova que as organizações do Partido, nalgumas classes, não discutiram suficientemente a luta sindical, nem souberam encontrar a forma concreta de auxiliar e orientar as massas. Por estes factos, os trabalhadores de algumas classes foram desarmados para a luta.

No Sindicato dos metalúrgicos, no Porto, foi apresentada uma lista de Unidade e regra, mas a direcção fascista recusou-se a cobrar as cotas aos sócios e depois, sob o pretexto de que alguns dos assinantes da lista não tinham as cotas em dia, recusaram-se a aceitá-la. No Sindicato dos operários da Moagem, em Lisboa, no dia das eleições, a sala estava cheia de operários, mas os fascistas da direcção praticaram tantas arbitrariedades que as massas, indignadas, abandonaram a sala, o que facilitou o trabalho dos fascistas da direcção, que trataram de se reeleger. No importante Sindicato dos Têxteis, no Porto, onde foi também apresentada uma lista de Unidade, a Pide, de mãos dadas com a direcção fascista, começou a espalhar o terror, perseguindo e intimidando os operários que figuravam na lista. No dia das eleições, os agentes da Pide entravam livremente na sala do Sindicato, enquanto a maioria dos operários foi proibida de entrar. No decorrer das eleições foi praticado um grande número de ilegalidades e burlas. Factos semelhantes ocorreram no Sindicato dos Padeiros, no Porto. No Sindicato dos Descarregadores, em Lisboa, não foi organizada uma única Comissão Sindical, não foi estabelecida a Unidade, o que permitia a apresentação de 3 listas, além da da direcção fascista.

Nestes casos houve fraca mobilização das massas para acções concretas, como concentrações nos Sindicatos para impor as listas de Unidade, para apoiar as diligências das Comissões Sindicais e para forçar o fascismo a recuar. Por outro lado, algumas destas classes só tinham uma Comissão geral, não existindo Comissões Sindicais de empresa para mobilizar as massas, tê-las ao corrente dos acontecimentos e chamá-las à luta. Estes erros que impediram a vitória dos trabalhadores nalguns Sindicatos, são o reflexo da nossa falta de ajuda aos trabalhadores.

Num outro Sindicato deu-se um grave erro que revela falta de vigilância de classe. Trata-se do Sindicato dos Conferentes, em Lisboa, em cuja lista de Unidade figurava o renegado José de Sousa para presidente da Assembleia Geral. Não é esta «unidade» que os trabalhadores desejam. O aparecimento de semelhante indivíduo na lista mostra que não estamos a fazer tudo para esclarecer as massas sobre os renegados e traidores.

Nas organizações do Partido no Sul houve uma manifesta substituição da luta sindical. Embora discutissem o problema das eleições, não o ligaram à luta reivindicativa da classe operária. O resultado foi ter havido apenas uma frouxa actividade no Sindicato dos Metalúrgicos e na da Cortiça, em Almada. Entretanto, as massas têm uma larga tradição de luta sindical, particularmente nas indústrias da cortiça e das conservas, onde há, respectivamente, 12 e 6 Sindicatos que abarcam alguns milhares de operários e operárias. As organizações do Sul esqueceram as ricas experiências no terreno sindical de todo o nosso Partido e particularmente do seu sector, onde se desenvolveram importantes acções de massas no terreno sindical desde a reorganização até 1949. Importa, pois, que esta deficiência seja rectificada pelas organizações do Sul.

Sobre estes e outros erros do nosso trabalho sindical devemos abrir discussão no Partido para evitar a sua repetição. Mas essa discussão deve ser objectiva e ter em conta que estes erros não deminuem a importância das vitórias obtidas. Nesta discussão devemos encontrar as soluções práticas para

assegurar o fortalecimento e a continuidade do trabalho sindical.

Consolidar e alargar
a luta sindical



O salazarismo, que foi forçado a aceitar as listas de Unidade nalguns Sindicatos e não pôde impedir a sua vitória, tudo fará agora para não sancionar as direcções eleitas. Na intenção de manter à frente dos Sindicatos os rafeiros da sua confiança, não deixará de recorrer aos seus habituais métodos de divisão, repressão e calúnia contra as direcções eleitas pelos operários. Daqui se conclui que a luta deve continuar para impor ao fascismo e ao patronato fascista as direcções eleitas pelos trabalhadores.

Neste sentido, as organizações do Partido devem desenvolver todos os esforços para que se efectuem concentrações de massas nos Sindicatos, I.N.T., Ministério das Corporações, e para que sejam enviadas representações ao ministro exigindo a sanção das direcções honradas. Com o mesmo objectivo, as Comissões Sindicais devem continuar activas e unidas às massas, lutando com estas e com as direcções eleitas para forçar o fascismo a cumprir as suas próprias leis.

Por outro lado, é preciso estarmos atentos às incompreensões de algumas direcções ainda não sancionadas. Algumas destas direcções mostram tendência para lutar sózinhas pela sua sanção ou para ficarem paradas, à espera que a sanção lhes caia do céu. Estas direcções esquecem que o fascismo, apañando-as isoladas das massas, não as sancionará. Elas devem compreender que, da mesma forma que só as acções de massas forçaram o fascismo a aceitar a sua eleição, só as acções de massas o forçarão a sancioná-las.

Uma vez sancionadas as direcções, o Partido deve trabalhar para que estas tenham o apoio das massas e, ao mesmo tempo, sintam o seu controle. Só o constante auxílio do Partido, só a constante vigilância das massas poderão impedir desvios prejudiciais em que as direcções honradas podem cair. A experiência mostra-nos que os fascistas do I.N.T. e o grande patronato, quando forçados a sancionar as direcções, procuram sempre arrastá-las para caminhos tortuosos. Tudo isto exige que as organizações do Partido não sfrouxem a discussão sobre o trabalho sindical de massas e saibam encontrar as formas práticas para assegurar a continuidade do trabalho sindical.

As organizações do Partido devem trabalhar, não só para que as Comissões Sindicais existentes não desapareçam, mas também para que sejam formadas outras. As que agora foram formadas para as eleições não devem desfazer-se por julgarem que, terminadas as eleições, a sua missão está cumprida. As Comissões Sindicais são da máxima importância e devem tomar a seu cargo toda a actividade que, dizendo respeito à defesa dos interesses e dos direitos da classe operária, esteja ligada à luta nos Sindicatos, I.N.T., etc.

As Comissões Sindicais não devem ter qualquer preocupação quanto à cor política ou à crença dos seus componentes. Todos os operários e operárias honrados que estejam dispostos a trabalhar pelos interesses da sua classe e a manterem-se ligados a ela estão em condições de pertencer a uma Comissão Sindical. As mulheres e os jovens devem ser mobilizados para a luta e chamados às Comissões Sindicais. O seu ardor combativo dará novo impulso à luta sindical.

As organizações do Partido não devem esquecer que cada luta e cada vitória obtida no terreno da luta sindical é uma vitória da classe operária e do seu Partido — o Partido Comunista Português — sobre o fascismo e pela Paz. As lutas desencadeadas este ano representam esforços sérios das organizações do Partido para se ligarem às massas, para fortalecerem a Unidade da classe operária e para realizarem a Unidade de Acção das massas populares preconizada pelo nosso Partido na IV.^a e na V.^a Reuniões Ampliadas do Comité Central.

O alargamento e fortalecimento da Unidade de Acção da classe operária no terreno da luta sindical permitirá que os importantes êxitos acabados de obter sejam consolidados e alargados rapidamente.

OS PARTIDOS COMUNISTAS E OPERÁRIOS, FORÇA DE VANGUARDA DOS PAÍSES DE DEMOCRACIA POPULAR

(Do Jornal «Por uma Paz Duradoura, pela Democracia Popular I» de 26/3/54)

Os Partidos Comunistas e Operários dos países de democracia popular conquistaram um grande prestígio entre as massas populares. Estes Partidos dirigiram a luta dos trabalhadores pela libertação do jogo social e nacional, pela implantação do regime democrático-popular, pelo restabelecimento e desenvolvimento da economia nacional. São a força dirigente e orientadora, reconhecida por todos, na luta pela edificação da sociedade socialista. Tendo sempre presente a indicação leninista de que a força do Partido assenta nos seus vínculos indissolúveis com o povo, com as massas, os Partidos Comunistas e Operários ampliaram e revigoraram infindavelmente estes vínculos, ao mesmo tempo que os povos dos países do campo socialista compreendem cada vez mais profundamente que são fortes por estarem unidos em volta dos seus Partidos revolucionários.

Este ano estão a realizar-se acontecimentos de extraordinária importância na vida dos Partidos Comunistas e Operários. Estes acontecimentos são os Congressos dos Partidos. Ainda há pouco terminaram os trabalhos do VI.º Congresso do Partido Comunista da Bulgária e o II.º Congresso do Partido Operário Unificado Polaco. Estas reuniões decorreram num ambiente de grande entusiasmo na vida política e na produção destes Países e sob o signo de uma crítica e auto-crítica suaves e abertas. O VI.º Congresso do Partido Comunista da Bulgária fez o balanço dos êxitos alcançados na construção das bases do socialismo no país, assinalou as deficiências existentes e fixou como tarefa principal a elevação do nível material e cultural dos trabalhadores e o sucessivo fortalecimento da aliança da classe operária com os camponeses. Ao destacar os êxitos alcançados na construção socialista, o II.º Congresso do Partido Operário Unificado da Polónia fez um balanço do cumprimento do Plano sexenal nos seus primeiros quatro anos e estabeleceu medidas para prosseguir na elevação contínua do nível de vida dos trabalhadores, para aumentar a produção agrícola, desenvolver a indústria e ampliar a produção de artigos de emprego consumo, para reforçar a aliança dos operários com os camponeses e multiplicar ainda mais a combatividade do Partido.

A presença nos Congressos do Partido Comunista da Bulgária e do Partido Operário Unificado Polaco de delegações do Partido Comunista da União Soviética e de numerosas delegações dos Partidos Comunistas e Operários dos países de democracia popular e dos países capitalistas e coloniais, foi um brilhante testemunho de que os laços e a colaboração fraternal entre estes partidos são cada vez mais estreitos, uma magnífica demonstração de solidariedade internacional dos trabalhadores, de internacionalismo proletário.

Dentro em breve celebrar-se-á também o Congresso do Partido Socialista Unificado da Alemanha, para o qual se preparam com grande entusiasmo os trabalhadores da República Democrática Alemã.

Para este ano estão convocados também os Congressos do Partido Húngaro dos Trabalhadores, do Partido Comunista da Checoslováquia e do Partido Operário Romano e a Conferência Nacional do Partido Comunista da China.

Os Partidos Comunistas e Operários chegam aos seus Congressos mais fortes, mais unidos e combativos do que nunca. A sua sólida base ideológica é a vitoriosa teoria revolucionária de Marx-Engels-Lénine-Stáline.

O aproveitamento, em todos os seus aspectos da grande e inesgotável experiência do Partido Comunista da União Soviética é para os Partidos Comunistas e Operários a firme garantia do seu fortalecimento contínuo, e da elevação do seu papel inspirador e dirigente nas diversas esferas de acção e na vida dos países de democracia popular. A fraternal e desinteressada ajuda da União Soviética desempenhou e desempenha um enorme papel na feliz construção dos alicerces do socialismo nos países de democracia

popular.

Na base dos êxitos alcançados na construção do socialismo, os Partidos Comunistas e Operários estabelecem novas tarefas para todos os comunistas e para milhões e milhões de trabalhadores dos países de democracia popular. As mais importantes destas tarefas são assegurar novos êxitos na edificação socialista, assegurar o ascenso rápido e vertical da agricultura, uma ampliação considerável da produção de artigos de emprego consumo, o ulterior fortalecimento da aliança de classe operária com os camponeses, a constante elevação do bem-estar dos trabalhadores e o robustecimento do Estado democrático-popular e da sua capacidade defensiva.

A aliança da classe operária com os camponeses é a base e a força decisiva do regime democrático-popular. A riquíssima experiência da edificação socialista na URSS e a experiência da construção dos alicerces do socialismo nos países de democracia popular testemunham por forma incontestável que a vitória do novo regime social só é possível na base duma sólida aliança da classe operária com os camponeses, que constituem a esmagadora maioria da sociedade. Os Partidos Comunistas e Operários consideram como um dever sagrado manter e reforçar esta aliança. Eles sabem bem que sem fortalecer a aliança dos operários com os camponeses é impossível construir o socialismo. Tem sempre presente a indicação do grande Lénine do que a aliança dos operários com os camponeses é a garantia de todos os êxitos na edificação do socialismo.

A solução triunfante das grandes tarefas de construção socialista nos países de democracia popular é também impossível sem o fortalecimento contínuo dos próprios Partidos Comunistas e Operários.

A força dos Partidos Comunistas e Operários reside na unidade monolítica das suas fileiras. O incessante fortalecimento da unidade dos partidos é a principal condição para o crescimento das suas forças e da sua combatividade. O IV.º Plano do Comité Central do Partido Comunista da China exigiu a todos os comunistas que guardem constantemente a unidade do Partido e que lutem infindavelmente por fortalecê-la. A mesma tarefa foi também colocada pelo VI.º Congresso do Partido Comunista da Bulgária e pelo II.º Congresso do Partido Operário Unificado Polaco. A luta pelo contínuo fortalecimento da unidade nos Partidos Comunistas e Operários expressa-se na preocupação destes quanto à elevação do nível ideológico e político dos militantes, pela sua educação no espírito do internacionalismo proletário, pela elevação da sua actividade na vida política e no trabalho e da sua intransigência perante as deficiências verificadas, pela pureza das suas fileiras, pelo melhoramento da composição social dos seus efectivos, pelo reforçamento do seu núcleo operário. O fortalecimento da unidade do Partido é inconcebível sem a elevação da vigilância revolucionária perante as maquinacões de todos os inimigos do Partido e do povo.

A experiência do Partido Comunista da União Soviética, assim como a de outros Partidos Comunistas, demonstra de modo irrefutável que a combatividade dos Partidos é tanto mais elevada quanto mais estes se preocupam com a educação marxista-leninista dos seus militantes. Para os Partidos Comunistas e Operários dos países de democracia popular, a assimilação criadora de teoria marxista-leninista é a condição fundamental do êxito na realização das tarefas práticas da edificação do Socialismo. Os Partidos Comunistas e Operários dirigem a sua atenção para o trabalho ideológico, com a preocupação constante de elevar o nível ideológico dos membros e candidatos a membros do Partido.

A crítica e a auto-crítica são uma arma potente dos Partidos na luta contra as suas debilidades. Os Partidos Comunistas e Operários convidam a desenvolver amplamente a crítica vinda da base, a lutar contra a atitude formal perante a crítica e contra todas as manifestações de abafamento da mesma. A ausência de

crítica origina as declarações pomposas, a auto-suficiência, o burocratismo, aduba o terreno para a actividade do inimigo de classe. A crítica e a auto-crítica nas fileiras do Partido, amplamente desenvolvidas, reforçam os laços que unem o Partido com o povo, revigoram o Partido e o Estado democrático-popular. Quanto mais largas sejam a auto-crítica e a crítica vindas da base, quanto maior será a manifestação das forças e a energia criadora dos trabalhadores dos países de democracia popular e mais rápida será a marcha destes países para o socialismo.

O princípio mais importante da direcção do Partido é o seu carácter colectivo. Só o método colectivo de trabalho nos órgãos do Partido pode assegurar a justeza das decisões adoptadas, defender as organizações do Partido dos erros e deformações e da arbitrariedade das pessoas isoladas. Os Partidos Comunistas e Operários apontam a todos os seus órgãos a tarefa de introduzir cada vez mais o princípio do trabalho colectivo e eliminar com decisão tudo o que o possa impedir e de arrancar pela raiz todas as manifestações do pernicioso culto da personalidade.

Uma condição da força e da coesão dos Partidos é a disciplina consciente e férrea, igualmente obrigatória para todos os comunistas, tanto para os dirigentes como para os militantes de base. A disciplina do Partido revigora-se num ambiente de controlo efectivo

e permanente do cumprimento das decisões, na elevação da responsabilidade dos comunistas pelas tarefas que lhes forem entregues e de apreciação constante dos quadros do Partido, pelo seu trabalho, pelas suas qualidades profissionais e políticas.

Os trabalhadores dos países de democracia popular, dedicados à construção pacífica, estão vitalmente interessados na manutenção e consolidação da paz. Os Estados democrático-populares da Europa e da Ásia, sob a direcção dos seus Partidos Comunistas e Operários, apoiam com todas as suas forças a política externa de paz da União Soviética e, em estreita e fraternal unidade com ele, lutam pela paz. A amizade inquebrantável e a unidade de aspirações da União Soviética, da República Popular da China e de todos os países de democracia popular é a base segura do campo da paz e da democracia, poderoso baluarte da paz no mundo inteiro.

Reforçando a combatividade dos seus Partidos, a unidade nas suas fileiras, e os seus vínculos com o povo, introduzindo e aplicando com perseverança as normas leninistas da vida do Partido, os comunistas dos países de democracia popular elevarão ainda mais a autoridade dos Partidos Comunistas e Operários, força de vanguarda dos trabalhadores dos países de democracia popular na luta pela edificação da sociedade socialista, pela paz.

A MOBILIZAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DAS MULHERES, TAREFA DE TODO O PARTIDO

por LÍDIA

A luta do nosso povo, encabeçada pela classe operária, para o derrubamento da camarilha salazarista, só será vitoriosa na medida em que as mulheres participarem activamente nas lutas reivindicativas, políticas e sociais e na direcção destas. Esta é ao mesmo tempo uma condição indispensável para o desenvolvimento do movimento das mulheres.

As lutas reivindicativas vitoriosas ultimamente travadas, com a participação massiva das operárias e camponesas, revelam o aumento do espírito combativo das mulheres portuguesas, colocam ante todos os comunistas e democratas a urgente e importante tarefa de melhorar a organização das mulheres, eliminando muitas incompreensões existentes, mesmo entre camaradas nossos.

Devemos ter em conta que as mulheres são igualmente vítimas da repressão do governo fascista que não hesita em lançar também contra elas as suas forças repressivas, assassinando mulheres indefesas e até grávidas, como aconteceu recentemente em Baleizão. Isto torna mais premente a necessidade de mobilização das mulheres contra a repressão.

É cabe aqui naturalmente a pergunta: Qual a melhor forma de organizar as mulheres para a luta?

A experiência indica que as Comissões de Unidade de operários e operárias, de camponesas e camponesas, de trabalhadores e trabalhadoras é uma das formas de organização mais susceptível não só de atrair mais mulheres à luta, como de assegurar o sucesso desta.

É por que é que a participação das mulheres nas Comissões de Unidade dos trabalhadores é condição indispensável para o sucesso da luta por melhores condições de vida?

Em primeiro lugar, porque é através das Comissões de Unidade mistas, de homens e mulheres, que se fortalece a Unidade, traduzida na maior participação das mulheres na luta.

Em segundo lugar, porque é através das Comissões de Unidade de trabalhadores e trabalhadoras que se forjarão os quadros femininos firmes e combativos capazes de enfrentar o inimigo e de trazer uma contribuição importante à luta pelo derrubamento do fascismo.

Naquelas empresas, oficinas, ranchos, herdades, etc., onde trabalhem mulheres, estas devem estar representadas em todos os organismos dirigentes da luta, desde as Comissões de Unida

de de Secção às Comissões Gerais de Empresa e de Classe, desde as Comissões de Unidade de Praças de Jorna às Comissões de Unidade de Rancho, de Herdade, de Monte, de Aldeia. Entretanto, sempre que as condições o exijam e o elevado número de mulheres existentes nas empresas, ranchos, herdades, etc., o justifique, deve-se aconselhar a formação de Comissões de Unidade constituídas só por mulheres.

É esta necessidade de as mulheres estarem representadas em todos os organismos dirigentes da luta nem sempre tem sido tida na devida conta. Importa que o seja e que ali onde as mulheres não foram ainda chamadas às Comissões de Unidade, a despeito da sua participação activa na luta, se corria prontamente esta deficiência que comprometeu seriamente o resultado de algumas lutas recentemente travadas e doutras em que se seguiu orientação idêntica.

Por outro lado, nos Sindicatos onde seja elevado o número de mulheres, (dos operários têxteis, corticeiros, conserveiros, alfaiates, de tabaco, de fósforos, etc.) e mesmo naqueles onde as mulheres estejam em minoria, os nomes das mulheres mais activas devem figurar nas listas de unidade elaboradas pelos trabalhadores e há que lutar pela sua eleição ao lado dos seus companheiros de trabalho.

As mulheres devem também ser chamadas a participar nas Comissões Sindicais de empresa, de classe, etc., pois só assim elas se interessarão em massa pelos problemas sindicais, pelas eleições das Direcções dos Sindicatos, pelo aproveitamento destes como apoio à luta pelas suas reivindicações. Além disso, a presença das mulheres nessas Comissões é uma garantia de que os problemas que mais as afligem (salários, creches, assistência no parto, férias, etc.) não serão esquecidos.

A ampla participação das mulheres nas lutas reivindicativas e pela paz ultimamente travadas exige que se encare decididamente o problema da organização das mulheres, do seu chamamento à direcção da luta.

A realização de reuniões com as mulheres que mais se destacaram nestas lutas para o recrutamento entre estas, não só de quadros para o Partido, como de elementos para as Comissões de Unidade, para as Comissões de Praça de Jorna, para as Comissões Sindicais, eis a tarefa imediata que se impõe aos militantes do nosso Partido.